

Espaço da história, tempo da memória e fraturas identitárias em *A sul. O sombreiro, de Pepetela*

Prof^a. Dr^a. Inara de Oliveira Rodrigues¹ (UESC)

Resumo:

Em A sul. O sombreiro (2012), Pepetela revisita a história colonial angolana, desenvolvendo uma narrativa articulada por diferentes vozes que desvelam as relações de poder, os desmandos e toda sorte de interesses colocados em jogo naquele contexto. A partir da análise do referido romance, apresentam-se questões concernentes às relações entre história/ficção, com especial atenção sobre os sentidos da memória, problematizando-se, também, as perspectivas identitárias em Angola. Desse modo, espera-se contribuir com as reflexões empreendidas pelo grupo de pesquisa Estudos Culturais e Literaturas Lusófonas, pensado e coordenado pela Prof^a. Dr^a Maria Luíza Ritzel Remédios, nesta homenagem in memoriam, realizando-se, assim, a devida reverência a esta estudiosa que tanto fez pelos estudos literários em língua portuguesa.

Palavras-chave: História/ficção; memória; identidade; literatura angolana contemporânea.

1 Introdução

Pepetela insere-se em um duplo movimento que marcou e vem marcando o(s) processo(s) identitário(s) de/em Angola. Isso porque suas narrativas tanto enfocaram questões emergenciais à época das lutas pela independência, quanto atravessaram esse momento definindo-se como palavra de combate e afirmação dos direitos e sonhos do seu povo. Passado o momento de euforia, entrando-se no que se pode definir hoje como período disfórico da literatura angolana, os romances de Pepetela voltam-se a variadas questões do contexto histórico-cultural da Angola contemporânea e, no caso desse seu mais recente romance, *A sul. O sombreiro* (2012), revisita o passado colonial do país, questionando os (des)caminhos percorridos por uma história fraturada. Trata-se de fraturas históricas correspondentes aos movimentos intermitentes entre o lembrar e o esquecer, a voz e o silêncio, o discurso oficial e oficioso e os testemunhos que, ficcionalizados, ganham sentido de verdade e afirmam-se tão mais autênticos do que as fontes propriamente documentais.

Intenta-se, assim, a partir da análise desse romance, refletir sobre questões concernentes aos entrecruzamentos da história/ficção, com especial atenção sobre os sentidos da memória, problematizando-se as perspectivas identitárias que se colocam no diálogo estabelecido pelo texto literário entre o passado e o presente de Angola.

Para tanto, compreende-se a cultura como “uma construção histórica que se fez na dinâmica dos contatos entre povos e culturas diferenciadas [o que implica aceitar que] toda a cultura, nesses termos, é mestiça” (ABDALA JÚNIOR, 2002, p. 21). Essa noção de mestiçagem (ou mesclagem, de acordo com esse mesmo autor) contribui para que se refutem orientações fundamentalistas ou isolacionistas, ao mesmo tempo em que não significa rasurar especificidades histórico-sociais que devem ter o seu espaço autônomo de atuação. Pelo contrário, é justamente no estabelecimento de um diálogo pluricultural que se afirma como positiva a ideia de um mundo em trânsito de fronteiras: “A zona fronteira [...] é uma metáfora que ajuda o pensamento a transmutar-se em relações sociais e políticas”, como afirma o sociólogo português Boaventura Souza Santos (1997, p. 155).

Tais pressupostos permitem problematizar os percursos atuais das literaturas africanas de língua portuguesa. De acordo com Inocência Mata, de maneiras diversas, vem se desenhando,

novas configurações operadas no sistema literário dos Cinco (Países Africanos de Língua Portuguesa) que se revelam motivadas por uma consciência que evoluiu da sua condição nacionalista e sente agora necessidade de repensar o país que não

mais se encontra em fase de nacionalização ou na condição de emergência mas sim do agenciamento de sua emancipação (MATA, 2009).

Pode-se compreender, dessa forma, que se trata de um sistema literário que, ao mesmo tempo, dialoga com a tradição, com a contemporânea realidade local e com o continente africano em relação ao processo de globalização.

Nesse processo, as questões identitárias ganham ênfase – “até porque”, como afirma Jane Tutikian, “a literatura é fonte de cultura e cultura é fonte de identidade” (2006, p. 15). Seguindo-se suas reflexões, se a literatura é resistência, resultado e reinterveniência no tempo histórico, o que se encontra nas narrativas atuais africanas de língua portuguesa é a problematização da situação identitária: “É nessa confluência, a partir da própria confluência de espaço e tempo, de diferenças culturais, marcada por inclusões e exclusões, colaborações e contestações, que a identidade nacional (política e cultural) ganha outra face, novos signos” (TUTIKIAN, 2006, p. 26).

Fundamenta-se, portanto, como irrevogável o diálogo da arte literária com a vida, por meio do qual se estabelecem os nexos da inter-relação entre o discurso ficcional e o discurso da história. Considerando-se essa inter-relação como um dos traços marcantes e distintivos, de forma muito direta, da literatura angolana, espera-se contribuir com os estudos relacionados a Pepetela e sua produção literária, reafirmando-se a importância desse autor para a arte e a cultura de seu país.

Trata-se, ainda, de, por meio dessa análise, prestar uma homenagem à Professora Doutra Maria Luíza Ritzel Remédios, fazendo alusão direta, no título deste trabalho, a uma de suas últimas publicações, *Identities fraturadas* (2011) destacando-se, assim, a devida reverência a esta estudiosa que tanto fez pelos estudos literários em língua portuguesa.

2 Tempos e espaços fraturados: história, memória, identidade

Alguém terá dito que é mais fácil adivinhar o futuro que o passado! Não deve ter sido nenhum escritor, os escritores não têm tanta imaginação! (PEPETELA)

Em *A sul. O sombreiro* (2012), de Pepetela, encontramos uma problematização sobre o resgate da memória: memória de tempos, memória de linguagens, memória de espaços, que se traduzem em representações culturais a partir de certas perspectivas históricas e críticas que o autor trata de elencar como mais significativas para seu projeto literário.

Nesse processo, a construção histórica, nunca concluída, está sujeita a novas interpretações, à reunião de seus fragmentos em outro contexto temporal. Com base no olhar benjaminiano para a História, em seus vínculos com o tempo e a narração, a literatura também pode ser compreendida por dois eixos: de um lado, é vista como espaço em que fatos passados se encontram; de outro, como narrativa/escritura. Para além da perda da experiência e da capacidade de narrar, “Benjamin acredita que possa surgir um novo homem, fazendo-se imprescindível, à concretização de tal objetivo, o resgate da voz dos silenciados” (RODRIGUES; NIEDERAUER, 2011, p. 6).

O papel da memória torna-se, desse modo, fundamental, pois, seguindo-se Le Goff (2003, p. 469), trata-se de um elemento essencial no processo de formação identitária, individual e coletiva. Seguindo-se o autor francês, a memória, embora fenômeno individual e psicológico, também está relacionada à vida em sociedade. Sua apreensão depende “do ambiente social e político: trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos que falam do passado, em suma, de certo modo de apropriação do tempo” (LE GOFF, 2003, p. 419). E adiante potencializa o caráter político desse processo:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam

as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2003, p. 426).

Levando-se em consideração a origem do termo, memória, do grego *mnemosyne*, última deusa identificada com as musas, torna-se relevante reconhecer que a palavra poética é inscrita e inscreve esse processo da lembrança/esquecimento. Como inscrição, a escritura é, por definição, “um espaço, uma estrutura de ausência, na qual é possível inscrever (*graphein*) lugares (*topoi*) e seus tempos, espaços e suas distâncias que podem se enfrentar e se completar, numa espécie de arquitetura deslocada, fragmentada e enigmática” (RAVETTI, 2009, p. 159, citado por RODRIGUES; NIEDERAUER, 2011). Sua “decifração” pode assemelhar-se ao reconhecimento de códigos das “cartografias literárias e culturais [...] [que] mapeiam histórias e tradições em movimento, cujas versões e sentidos dependem dos referenciais de onde são enunciadas” (BITTENCOURT; SCHMIDT, 2004, p. 15, citados por RODRIGUES; NIEDERAUER, 2011).

Se, como o espaço, toda identidade é relacional, pois só se define na interface com a alteridade, é intrinsecamente político seu principal predicado. Nesse sentido, torna-se interessante registrar-se a passagem seguinte de uma entrevista de Pepetela sobre a dimensão política da construção identitária em Angola:

O que se põe em causa é que tipo de sociedade queremos criar. Será que não podemos ir buscar às sociedades tradicionais africanas, com muita base rural, uma série de valores, de princípios e de normas que estão a ser liquidadas pela globalização e pelas sociedades de consumo? Será que não podemos salvar alguns desses valores? (PEPETELA em entrevista a Rodrigues Silva, 1997 apud CHAVES; MACEDO, 2009, p. 48).

Ao questionar o modelo capitalista, o autor abre espaço para a reflexão sobre outras alternativas que estariam justamente no passado. Não se trata de uma visão ingênua, entretanto, de “busca de raízes”, como se existisse uma tradição pronta e essencial a ser simplesmente resgatada. Destaca-se, desse modo, o verbo “criar”. Criação é o trabalho do escritor que, por meio da ficção, desdobra mundos possíveis – é quando à história se permite a introdução do “se”: “[...] se os holandeses tivessem ficado trezentos anos em vez de sete, o que teria sucedido a Angola?” (PEPETELA, 1993, p. 12). Questões que o ficcionista pode experimentar responder, exercitando, dessa forma, a reflexão sobre o processo histórico que desemboca, enfim, em questões colocadas pelo presente.

3 “...Não há ainda, na ficção, uma análise da sociedade colonial”

Ao publicar *A sul. O sombreiro*, em 2012, Pepetela novamente retorna ao passado de Angola, colocando em tela a sua preocupação em aprofundar o conhecimento da história de seu país:

[...] me parece que, exceto Castro Soromenho, não há ainda na ficção uma análise da sociedade colonial. Ora, há muita coisa de Angola de hoje e da Angola de amanhã que encontram explicação nessa sociedade. Porque apesar da luta de libertação, apesar da Independência etc., muita coisa ficou fundamentalmente em termos do que se pode chamar muito genericamente de cultura, incluindo comportamentos sociais, preconceitos, etc. Há uma série de reações que tiveram que são explicadas pela história colonial (PEPETELA em entrevista a SERRANO, 1999, apud CHAVES; MACEDO, 2009, p. 35).

Essa preocupação em revisitar o passado pré-colonial e colonial de Angola já motivou outros importantes romances do autor, como *Yaka*, de 1983, e *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*, de 1997. No caso do primeiro, trata-se de uma narrativa voltada à história “de resistência ao colonialismo português engendrada pela população angolana. [O romance, articulado] pelo registro de diferentes vozes que expressam perspectivas divergentes diante da mesma realidade, traduz a fragmentação do projeto colonial imposto ao território angolano (MARTIN, 2009, p. 161).

Já em *A gloriosa família...*, Pepetela recua “até o século XVII, para contar a ocupação holandesa em Luanda entre os anos de 1641 a 1648. Cruzando História e imaginação, Pepetela procura nas fontes históricas da *História Geral das Guerras Angolanas*, escrito em 1680 pelo capitão português Antonio de Oliveira Cadornega, o mote para desenvolver o enredo do romance” (TEIXEIRA, 2009, p. 313).

Em *A Sul. O Sombreiro*, o quadro histórico situa-se novamente em XVII, agora em pleno processo da conquista portuguesa ao continente africano. Dividido em vinte e sete capítulos, o romance possui uma estrutura narrativa fragmentada, em que, por vezes, ganha destaque a voz do narrador-autor, recurso marcante da escrita de Pepetela, e, em outros momentos, são as personagens que narram suas (des)venturas.

Simão de Oliveira, vigário de Benguela, é o primeiro personagem que se anuncia na narrativa, “que semeia grande ódio contra o governador Manuel Cerveira Pereira. Em seus trajes negros e olhar altivo, Cerveira Pereira persegue e atormenta Simão de Oliveira. Chama-o de ‘marrano’, termo utilizado de forma pejorativa contra os cristãos-novos suspeitos de continuar a praticar a fé judaica” (ITO, 2013). O ódio do vigário é ferino e assim se expressa na página de abertura do romance:

Manuel Cerveira Pereira, o conquistador de Benguela, é um filho da puta. O maior filho da puta que pisou esta miserável terra. Pisou no sentido figurado e no próprio, pisou, esmagou, dilacerou, conspurcou, rasgou, retalhou. O filho da puta admito ser apenas no figurado, pois da mãe dele pouco sei, até dizem ter sido prendada senhora e de bem. Embora quem tal crocodilo deixou crescer no ventre pomba não deveria ser, afirmam os entendidos. mas mereço eu, desgraçado padre, julgar o ventre de donas bem casadas? Ventres não se julgam, dão frutos, alguns podres (PEPETELA, 2012, p. 5).

O segundo personagem-narrador é Manuel Cerveira Pereira:

Fidalgo, combatente em Flandres e protegido do Conde de Alba, importante título nobiliárquico da coroa espanhola, foi governador de Luanda entre 1603-1606 e 1615-1617. Foi também responsável pela conquista de Benguela, onde permaneceu governador até o final de sua vida. É descrito como um homem ambicioso, incapaz de dar um sorriso amigável, odiado por muitos e temido por todos (ITO, 2013).

O terceiro narrador-personagem do romance é Carlos Rocha,

mestiço descrito como descendente de Diogo Cão, o primeiro português a chegar àquelas terras em 1482. Rocha foge de Luanda por temer que seu pai, o beberrão Mbaxi, vendesse-o como escravo para quitar as dívidas deixadas nas tavernas. Junto de Mulende, menino escravizado que depois vira seu fiel companheiro, Carlos Rocha foge para o interior do continente, munido de um bacamarte e um par de calçados (ITO, 2013).

Pela trajetória dessas principais personagens, são representadas as negociatas escusas do regime colonial, as disputas entre as diferentes ordens religiosas, as imposições econômicas e

culturais mais ou menos violentas aos líderes locais, entre tantas outras situações que o romance desvela criticamente. De seu título, a nomeação da região conquistada:

[...] os mapas designando por nomes diferentes a mesma enseada larga, tranquila, [...] limitada por um cabo em forma de sombreiro mexicano. E aí, atraído por algum mistério até hoje não cabalmente desvendado, [...] Manuel Cerveira Pereira resolveu desembarcar e fundar a cidade, para ser a capital do que ele tinha pomposamente chamado o 'Reino de Benguela' (PEPETELA, 2009, p. 224).

Pode-se entender, por certo, que esse movimento de revisitar o passado de sua terra desdobra-se como fundamento do projeto que, de diferentes formas, é desenvolvido pelo autor, como ele mesmo afirma: "Há um tema que é comum, que é o tema da formação da nação angolana. Isso faz o denominador comum" (PEPETELA apud CHAVES, 1999, p. 217).

Essa afirmativa de Pepetela sobre a temática comum de sua obra é assim considerada por Rita Chaves (1999, p. 218):

[...] vem, com efeito, confirmar a construção da nacionalidade como um tema constante que, sob vários ângulos e perspectivas, constitui um elemento matriz em seu repertório. Se saímos do particular e alcançamos o geral, ou seja, o conjunto da literatura de Angola, reconhecemos que a formação da identidade nacional é na realidade uma das linhas de força da consecução desse sistema literário.

Trata-se de reconhecer, portanto, o quanto os entrecruzamentos entre história e literatura, permeados pelas instâncias da memória, constituem-se em "estratégia" literária para as diferentes reflexões em torno da construção identitária angolana. Nesse sentido, em *A Sul. O sombreiro*, Pepetela coloca em ação a releitura de documentos históricos, ficcionalizando a história pretérita de seu país para, desse modo, sinalizar a importância de retomada do passado como fundamento do presente: não para qualquer sistematização causal, muito menos teleológica, mas como presentificação dos conflitos já vividos e que não foram propriamente superados.

Conclusão

No diálogo da literatura com a vida, se estabelece os nexos de uma inter-relação irrevogável entre o discurso ficcional e o discurso da história. Considerando-se essa inter-relação com um dos traços marcantes e distintivos, de forma muito direta, da literatura angolana, pode-se reconhecer em Pepetela um dos principais representantes desse processo dialógico crítico: em *A sul. O sombreiro* (2012), apresentam-se os conflitos identitários que, na representação das várias vozes sociais do período pré-colonial angolano, significaram relações de poder demarcadoras de fraturas incontornáveis no presente.

Trata-se de um romance em que, mais uma vez, o projeto de escrita de Pepetela reverbera sua preocupação com um tema comum e em processo em seu país: a construção da angolanidade.

Desse modo, a literatura reafirma seu estatuto de espaço da experiência compartilhada: narrar tem o sentido não apenas de lembrar e questionar, mas também de continuar, persistir no desafio de instigar reflexões e ações nos paradoxais tempos de nossa contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **Fronteiras múltiplas**: identidades plurais. São Paulo: SESC, 2002.
- CHAVES, Rita. Pepetela: romance e utopia na história de Angola. In: **Revista Via atlântica**, Universidade de São Paulo, n. 2, jul./1999.

_____; MACÊDO, Tania. (Orgs). **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa.** São Paulo: Alameda, 2006.

ITO, Alec Ichiro. Resenha. **A sul. O sombreiro.** Disponível em: http://brasilafrika.fflch.usp.br/sites/brasilafrika.fflch.usp.br/files/resenha_A%20sul.O%20sombreiro_revisada.pdf. Acesso em: jan./2013.

MATA, Inocência. **O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa.** Disponível em: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/mata.rtf. Acesso em: ago. 2009.

_____. **Pepetela e as (novas) margens da nação angolana.** Texto apresentando na AIL, RJ, 2009.

PEPETELA. **A sul. O sombreiro.** São Paulo: Leya, 2012.

RODRIGUES, Inara de O.; NIEDERAUER, Silvia. Resgate da memória e representações da história em Narradores da sobrevivência, de Nelson Saúte. In: **Nau Literária: crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, v. 07, n. 01, jan/jun 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente.** São Paulo: Cortez, 2000.

TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

i **Inara de Oliveira RODRIGUES, Professora Doutora em Letras, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).** inarabr@uol.com.br.